peito aos fatos lingüísticos e estilísticos. Pois também estilísticos: pois que aquilo que marca um cunho ao todo característico no "Novo Dicionário" de Battaglia é a amplidão de horizontes, no tempo e no espaço, em que a palavra é vista, não no seu sentido restrito, de um elemento separado do conjunto e portanto fatalmente mortificado — quando mesmo não estiver alterado, — mas na sua função de centro ideal dum organismo vivo.

Vem disso a sensação clara da exatidão com que o autor pode dar a definição, e fazer a história, de cada palavra, em volta da qual se dá, para quem souber ler, uma sugestiva e fascinadora batalha no colóquio tácito e ao mesmo tempo fervoroso que os vários escritores estão a travar idealmente entre si, como se cada um dêles estivesse comprometido, com tôdas as suas energias, para superar os demais na luta de dar vida à palavra, e para lhes impor o sentido — ou os matizes dêle — que êle sabe expressar com essa palavra; vem disso também a sensação, não menos clara, da imensa vitalidade da tradição lingüística e literária italiana, à qual a oportuna evocação de tantos e tantos escritores restitui o legítimo prestígio.

O Prof. Battaglia, já especialmente benemérito, nos últimos tempos, pela revista — que se publica em Turim graças à iniciativa e sob a sua direção — *Filologia Romanza,* que se tem evidenciado na Itália pelo lugar de primeira plana que concede, nas suas páginas, às literaturas de línguas ibéricas, pode muito bem ficar e sentir-se satisfeito, por ser, êsse seu "Novo Dicionário", um instrumento excepcionalmente útil para a cultura não só italiana.

GIUSEPPE CARLO ROSSI.

VIANA (Hélio). — *Capistrano de Abreu (Ensaio Bio-bibliográfico).* Ministério da Educação e Cultura, Serviço de Documentação. Rio de Janeiro, 1955, 128 pp.

O Prof. Hélio Viana acaba de publicar, editado pelo serviço de documentação do Ministério de Educação e Cultura, um valioso estudo bio-bibliográfico sôbre a grande figura de historiador que foi Capistrano de Abreu, aquêle que, no dizer de Paulo Prado, foi, no Brasil, o "criador de uma escola de história, que não é sòmente *livro de livros,* mas estudo completo e complexo do drama humano no correr dos tempos, desde a compreensão dos ritmos mundiais, das fôrças instintivas e conscientes que dirigem os homens e as aglomerações sociais, até o detalhe pitoresco, palpitante, do viver cotidiano nas épocas passadas". O nosso historiador era, no entanto, um autodidata que não chegara a levar a têrmos os estudos secundários e superiores. Aos treze anos fôra retirado da escola a fim de tentarem emendar-lhe a *preguiça e a vadiação*... "Lia muito, lia sempre, mas sòmente aquilo que despertasse a sua atenção, não o que lhe era imposto ou sugerido pelos professôres" (pp. 7-8). Bom seria que atentassem para isso os fazedores de planos, de programas e de *métodos* pedagógicos dêste pedagógico país... Se aos treze anos era, pois, retirado do colégio por vadiação, aos dezoito também tornava do Recife para o Ceará, onde a severidade do pai tencionava corrigí-lo, destinando-o aos afazeres agrícolas,

no sítio Columinjuba, perto de Maranguape. Mas, em breve, estaria novamente Capistrano em Fortaleza, militando com os jovens de sua geração, na curiosa *Academia Francesa* que refletia, paradoxalmente, o movimento *germanista* do Recife...

Os primieros trabalhos de Capistrano de Abreu já refletem as suas preferências. São os estudos brasileiros que o atraem. "Em Fortaleza participou [...] de uma Escola Popular, na qual, a 20 de dezembro de 1874 falou sôbre a *Literatura Brasileira,* ensaio teórico em que, ao lado da transitória influência de Spencer, de Comte e de Taine, já se pode perceber o interêsse por aspectos geográficos e históricos" (p. 8). Em 1875 estava na Côrte. Determinaria esta viagem, algum amor contrariado? Supõe o Sr. Viana que sim. E' possível. Desde então, serão sempre assuntos brasileiros, livros que digam respeito ao Brasil, questões da vida brasileira, a sua principal preocupação. E também, ninguém como êle melhor encarnaria a nossa *brasilidade*. Mas nunca — dí-lo Paulo Prado — Capistrano bateu "no peito para exclamar furibundo: *eu sou brasileiro*. Amava a sua terra, desde as pequenas coisas — a rêde, a pimenta, os banhos de cachoeira, o andar descalço, os mexericos — até a preocupação filosófica da política, dos homens públicos e tôdas as manifestações da nossa esporádica e incerta vida intelectual". Era contraditório como a sua própria terra mas a sua paixão por ela "era intransigente apesar dos repentes de mau humor (*que todos nós tão bem conhecemos em nós mesmos...*) com que procurava disfarçar a profunda afeição" que lhe dedicava. Convidado certa vez por Paulo Prado para visitar a Europa, retrucara-lhe ràpidamente: — "Não gosto de tapéras!". Para acrescentar logo a seguir, bem brasileiramente, que não poderia disfarçar na Europa e nacionalidade, pois *sofria do fígado e era ignorante...*

Tal era Capistrano. Sua vida de estudos, — sua modestia, seus escrúpulos — são um exemplo, constituem uma lição para todos aquêles que tentam decifrar e compreender esta nossa contraditória terra e a sua não menos contraditória história. Em 1885, em carta a Tomás Luis de Assunção (que colhia documentos, a seu pedido, em Portugal), dizia o mestre: "a história do Brasil é um mundo e o que existe nos arquivos portuguêses é um continente. Seria preciso passar muitos anos aí, sem ter outra coisa a fazer, para dar cabo da tarefa. Peço-te, pois, que circunscrevas tuas investigações ao século XVI" (p. 97). Sirva isto de exemplo aos moços e, se possível, também, aos maduros...

* * *

Cremos que até agora o melhor material reunido para um estudo sôbre Capistrano de Abreu — além do vivo artigo de Paulo Prado, publicado em *Paulística* (que também deve o próprio título a Capistrano) — são a *Bibliografia Capistraneana,* de Tancredo de Barros Paiva (*Anais do Museu Paulista,* t. IV, São Paulo, 1931); a *Bibliografia de Capistrano de Abreu,* de J. A. Pinto do Carmo (*Instituto Nacional do Livro,* Rio de Janeiro, 1943); o trabalho de José Honório Rodrigues, *Capistrano de Abreu e a Historiografia Brasileira* que examinamos aqui quando resenhamos a excelente edição da *Correspondência de Capistrano de Abreu* (Instituto Nacional do

Livro, Rio de Janeiro, 1954), organizada e editada por José Honório Rodrigues e agora êste trabalho do Prof. Hélio Viana. Há um ponto, porém, às páginas 50-51 do livro do Prof. Viana que não nos pareceu claro. E' quando diz: "Assim, em 1908, figurou (*Capistrano*) em banca examinadora de concurso de História Geral, especialmente do Brasil e da América, em que foram candidatos, entre outros, Escragnolle Dória (que obteve o primeiro lugar na classificação final), Osório Duque Estrada, Rocha Pombo e José Veríssimo. Ficando êste colocado apenas em quinto lugar, daí resultaram nunca extintas incompatibilidades e sérios ressentimentos entre concorrentes e examinadores". A impressão que se tem é de que Veríssimo teria ficado magoado com Capistrano de Abreu. Ora, na *Correspondência* com Veríssimo, que se estende de 1893 a 1914, a impressão é outra: é uma correspondência amistosa, de bons camaradas de estudos. E em carta a João Lúcio, de 7 de fevereiro de 1916, diz Capistrano referindo-se a José Veríssimo: "Comecei a conhecê-lo depois de sua mudança para o Rio, e não posso conformar-me com a idéia de que não mais tornarei a encontrá-lo. Muitas vêzes nossas opiniões e atitudes divergiram inteiramente, mas os laços de boa amizade nunca afrouxaram e a intimidade foi sempre crescendo mais forte".

J. CRUZ COSTA

SÃO PAULO NO LIMIAR DO SEU QUINTO SÉCULO — Desenhos a bico-de-pena de Jan Eckschmidt. Idealização e texto de Douglas Michalany.

A Gráfica-Editôra Michalany Limitada apresenta um interessante album comemorativo da passagem do IV Centenário da cidade de São Paulo. Nessa publicação são reunidos em numerosas tomadas a bico-de-pena os principais aspectos da capital paulista. São focalizados lugares e monumentos de interêsse histórico, templos, cenas da vida urbana, escolas, institutos governamentais, etc., juntamente com textos explicativos referentes a cada ilustração. Trata-se de uma bela recordação de São Paulo dos nossos dias.

PAULO PEREIRA DE CASTRO